

CONFERÊNCIA

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA (*).

I. — ASPECTO GERAL.

A África sempre teve individualidade própria, sempre pareceu isolada dos outros continentes na Antigüidade e na Idade Média. Apesar de fazer parte do mundo mediterrâneo, pelo seu litoral norte, a África não possui para esse período — e quiçá até hoje — uma história que abrangesse todo o continente. Isso aliás se explica pela geografia, principalmente pelo clima que isolou em compartimentos estanques as diversas regiões africanas.

Tão certo é o que afirmamos, que a própria palavra África é relativamente recente na sua história. O nome pelo qual os gregos a conheciam era o de Líbia — a África branca do Norte — em oposição à Etiópia — a terra dos negros — mais ao sul. O vocábulo África aparece com os romanos e serviu para indicar o território que tinham conquistado a Cartago — **grosso modo** a atual Tunísia. Parece que esse nome derivou duma palavra fenícia significando “colônia” ou “região das frutas”, ou talvez ainda seja oriundo do nome bérbere da tribo dos **aouraghen**.

No antigo Egito o homem da África do Norte era chamado de **libu**, palavra que sem dúvida influenciou os gregos que estenderam esse nome ao continente. Os romanos distinguiam inicialmente como **Africa Vetus** o primeiro território que possuíram no continente africano. Depois os próprios árabes adotaram o nome de **Ifríquia** — sem dúvida derivado de África — para todo o conjunto. Curiosamente o nome de Líbia foi se

(*) — Palestra realizada em março de 1962 no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, como aula inaugural dum Curso de História da África, patrocinado pelo Grêmio dos alunos do referido estabelecimento de ensino (Nota da Redação).

restringindo a um território situado entre as Sirtes e o Egito. Até mesmo a palavra **Etiópia** foi minguando de conteúdo até significar a região dos abexins.

A África não tem, pois, uma história única. A sua história é a soma de diversas outras histórias: a história do Egito — que sempre foi um país isolado da África e ligado à Ásia; a história de Cartago, da sua luta contra Roma; a invasão vândala e depois o Islão que unificou apenas parte da África, principalmente a parte norte e leste, enquanto que o sul permaneceu estático. Pelo menos não sabemos muito bem o que aconteceu na parte meridional do continente, a não ser a notícia de uma migração dos bantús para o sul, criação de civilizações mais ou menos independentes na região do Senegal e do Níger. E' só, ou quase só. O Islão é que vai se expandir ao sul da Saara e ao longo do Oceano Índico rumo a Madagascar. Não há, pois, uma história contínua; acreditamos que somente depois de inteiramente libertada do colonialismo a África poderá ter uma história própria, mas sempre existirá uma África branca ao Norte, uma África Negra e o enclave branco da África do Sul.

*

1. — O isolamento geográfico da África.

No ponto de vista geomorfológico a África pertenceu ao famoso continente de Gondvana (Arábia, África, Índia, Austrália) e pela teoria de Wegener da pangéia e das massas de terra a deriva, ela separou-se dos outros continentes, isolando-se cada vez mais: daí talvez o fato de apresentar o aspecto duma vasta extensão tabular, uma “gamela gigantesca”, como dizia Livingstone.

O clima é que tem grande importância na África, pois é ele quem determina as diversas regiões geográficas e as faz estanques. Assim, a geografia determinou o isolamento da África. Os escritores antigos já falavam de suas costas como inóspitas, abruptas, cheias de lagunas, de cordões litorâneos que impediam a navegação, de rios regorgitantes de crocodilos e cachoeiras, com grandes deltas pantanosos a exigirem trabalhos de dragagem extremamente difíceis. Na história da África o mar isola, pois existem regiões que estão a 1.800 quilômetros da costa. Por isso mesmo a sua história é essencialmente terrestre e não marítima. Entretanto, nos pontos de contacto com a Europa e Ásia — Gibraltar e Suez — temos locais obri-

gatórios de passagem das migrações, que aliás datam da Pré-história. Asiáticos invadiram o delta do Nilo e os Cro-Magnons e capsenses invadiram a Ibéria. No período histórico êsses pontos continuaram a desempenhar o mesmo papel de outrora: são os egípcios que invadem Canaã para lutar contra os hititas e cananeus, depois são os assírios e persas que dominam o Egito. Por fim, chegam os macedônios e gregos que fazem do Mediterrâneo Oriental um lago helênico.

Por Gibraltar passam romanos, vândalos, bizantinos e finalmente os mouros de Tárique. Durante séculos o Islão fêz do Mediterrâneo Ocidental um lago muçulmano e Ibne Cãldune chegou a blasonar que nêle não flutuava sequer uma tábua cristã. Portuguezes e espanhóis posteriormente invadem a África por Ceuta e Tãnger e modernamente foram os marroquinos de Franco que conquistaram a Espanha.

Os ventos etesianos levaram os cretenses — os **kefti** dos textos egípcios — e depois os mercadores gregos para a foz do Nilo, acabando êstes por fundarem Naucratis. Também quando Hipalos descobriu o fenômeno das monções, os mercadores do Mar Vermelho dominaram o Índico e chegaram ao litoral do Malabar, depois a Ceilão e quiçá à costa do Coromandel. Também foi o vento que trouxe os malaios a Madagascar. Apesar dêsses contactos, a África viu sempre no estrangeiro um inimigo.

O clima domina a África, como já vimos, e o mar tem uma influência muito reduzida, pois a poucos quilômetros da costa êle não se faz mais sentir. Os rios, ou são muito pequenos, ou são verdadeiros rios-mares. Em ambos os casos a navegação fluvial não se faz facilmente.

O calor, a umidade, os ventos, reinam soberanos na África, por isso ela é dividida em blocos climáticos maciços, mais ou menos paralelos. Essa modalidade do clima tem grande influência no modelado, vegetação, vida animal e humana.

A floresta densa domina a zona equatorial; as savanas e florestas mais ralas estão na zona tropical; as estepes e dunas nas zonas desérticas do norte e do sul. O Mediterrâneo tem uma certa influência ao norte, formando zonas temperadas quentes. Nestas condições, podemos dizer que o homem é um escravo do clima e o exemplo típico do que afirmamos está na milenar sujeição do **felá** ao Nilo. O homem é sedentário ou nômade, conforme a zona que habita. A geografia impera, pois, de maneira quase absoluta na África.

2. — As zonas históricas e o clima.

O quadro histórico da África é o seu quadro climático, e as divisões dessa história, tanto no tempo como no espaço, são marcadas pelos limites das zonas climáticas e vegetais. Assim, o clima determina os recursos alimentares e êstes condicionam o gênero de vida que o homem será obrigado a levar: sedentarismo ou nomadismo. Essa eterna luta entre êsses dois tipos de vida e civilização condicionará grande parte da história da África.

Também as lindes naturais deram origem aos limites dos impérios: impérios bérberes até o Saara e impérios negros sudaneses entre a zona temperada quente e o Saara: os impérios de Ghana, Tombuctú, Segú, etc. Os fracos e vencidos se refugiaram nas florestas densas da zona equatorial — é o caso típico dos pigmeus do Congo. Os vencedores detiveram seu avanço diante do calor e de outros fenômenos climáticos e biológicos e muitos dêles foram obrigados até mudar seu modo de vida: assim aconteceu quando a mosca *tse-tse*, causadora da doença do sono, obrigou várias tribos a abandonar vastas regiões férteis e entregar-se mesmo ao hábito da antropofagia provavelmente devido à fome. Sem sermos deterministas geográficos, não podemos deixar de reconhecer que o clima teve e tem enorme importância na história africana.

No interior dessas vastas zonas climáticas os acontecimentos históricos se localizam em tórno de centros bem caracterizados, onde o abrandamento das condições físicas propiciam maior estabilidade à vida humana. Assim, na zona sêca os homens se agrupam nas proximidades dos pontos d'água — fontes, rios, lagos — onde a vegetação é mais densa: é o caso típico dos oasis. Por outro lado, nas zonas de extrema umidade, o homem foge da vegetação e procura refugiar-se nas clareiras da floresta. Nestas condições, o oasis e a clareira são pontos de apóio para a irradiação das atividades humanas.

Nessas zonas climáticas não existem fronteiras definidas e isso explica o caráter efêmero dêsses impérios, dêsses impérios-cogumelos que crescem de maneira extremamente rápida, mas que também desaparecem ainda mais depressa. Êsse fenômeno condiciona também as pilhagens periódicas levadas a efeito pelos nômades nas terras dos sedentários, a brutalidade das suas relações, seguidas muitas vêzes da escravatura.

Nessa instabilidade permanente, nessa perseguição constante, as tribos não tiveram tempo de se interpenetrarem e por is-

so guardam a sua individualidade étnica: o inimigo era aquele que não tinha o seu sangue. Assim, devido a essas constantes lutas, na África sempre existiram mais raças em choque do que povos. Devido a êsse isolamento oriundo das condições geográficas, o acesso dos estrangeiros foi sempre extremamente difícil, a não ser no Egito e em Cartago, que são mais centros de civilização mediterrânea do que africana.

A manutenção dessa África quase intacta nos explica em parte o que aconteceu no século XIX com a sua partilha pelos europeus ávidos de terras e de matérias primas: a invasão se fez pelo Atlântico, pelo Mediterrâneo, por Suez e pelo Oceano Índico. O domínio europeu repartiu as terras e os homens e procurou lutar contra o meio físico, criando portos, estradas de ferro, rodovias, fazendo obras de saneamento, etc., preparando destarte a mudança de raças em povos. Assim, a África do século XIX aos nossos dias adquiriu o aspecto dum imenso laboratório, onde estão se forjando inúmeras nacionalidades, como podemos perfeitamente verificar lendo os atuais jornais e revistas.

* *
*

II. — SÍNTESE GEOGRÁFICA DO CONTINENTE AFRICANO.

1. — A África do Norte.

A África do Norte (Marrocos, Argélia e Tunísia) apresenta uma unidade geográfica bem nítida, oriunda do seu sistema montanhoso e do seu povoamento bérbere. Os árabes invasores tiveram nitidamente a mesma impressão, tanto que chamaram a região de Magrebe (**Djezirat-el-Maghreb** = a ilha do Ocidente). Durante a Idade Média a região ficou sendo conhecida como a Berbéria — vocábulo sem dúvida derivado do grego *βάρβαρος*, através do latim **barbarus**, com a significação do “homem que balbucia”, o estrangeiro. Os árabes fizeram dessa palavra o termo: **brâber, herâber** (no singular **berber, berberi**) que passou para a nossa língua.

Aqui aproveitamos a ocasião para insistir mais uma vez no fato de que muitas pessoas pensam ser de árabes a totalidade da população da África do Norte: A maioria é composta de mouros (hamitas) e não de árabes (semitas). A confusão se estabeleceu pelo fato do Islão ter conquistado a região, imposto sua religião e em muitos lugares a sua língua. E' verdade que no

litoral, nas grandes cidades, existem hoje fortes grupos de árabes ou mestiços de árabes. Daí talvez venha essa impressão. Também deve ter concorrido para isso a conquista da Ibéria pelo Islão por contingentes árabes e mouros.

Esse Magrebe, **grosso modo**, é um vasto planalto quadrilátero entre o Mediterrâneo e o deserto do Saara, composto de regiões altas, com vales dominados pelo maciço do Atlas. Esse sistema montanhoso assemelha-se aos Alpes e deve ser um remanescente do famoso continente de Gondvana de que já falamos.

Das três porções que constituem o Magrebe, o Marrocos é a que mais nos interessa (1), principalmente pela sua semelhança com a Ibéria. Se conseguíssemos dobrar num mapa as duas regiões, teríamos o estreito de Gibraltar como charneira e uma quase superposição. Ao Rife opõe-se a Cordilheira Bética; à meseta espanhola corresponde a região do médio Atlas. Isso deve ser proveniente dos **plissements** alpinos, quando dos movimentos epirogênicos que deram origem, **grosso modo**, ao atual contórno do Mediterrâneo. O Estreito de Gibraltar data do Plioceno, quando substituiu os dois outros estreitos existentes: o sub-rifenho e o norte-bético. Esse estreito não constituiu uma barreira intransponível às migrações pré-históricas, pois possui apenas 14 quilômetros de largura.

Esse Magrebe sempre foi uma região dependente das outras suas vizinhas, pois se atentarmos bem verificaremos que na realidade possui apenas uma longa fita de terras férteis de leste-oeste, de cerca de 3.000 quilômetros de extensão por 150 de largura. O resto do território pode apenas servir de pastagens ou então é zona pedregosa onde medra muito pouca vegetação. Atrás disso temos a montanha semi-árida e depois, mais além ainda, o deserto do Saara. Mais ou menos no centro dessa fita temos um nó geográfico: o desfiladeiro de Taza que muitas vezes isolou o Magrebe em duas porções, como veremos mais adiante. Essa compartimentação geográfica gerou o isolamento das tribos que sempre se degladiaram entre si, principalmente montanheses contra os camponeses da planície, nômades contra sedentários.

(1). — A nossa tese de concurso para a cátedra que temos a honra de reger na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo tem por título precisamente: **Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antigüidade** [São Paulo. Livraria Martins Editôra. 1946. 295 pp. 14 mapas] onde procuramos provar a profunda identidade geográfica, étnica e histórica entre o Marrocos e a Ibéria, durante a Antigüidade, formando as duas regiões um bi-continente.

Durante a Antigüidade e a Idade Média as relações da Ibéria com o Magrebe, principalmente o Marrocos, foram intensas, mais mesmo do que com o Egito. Só com a Reconquista cristã, que acabou empurrando o Islão para o mar na Espanha, os dois litorais norte e sul do Mediterrâneo foram divididos pela luta religiosa, que culminou com a ocupação portuguesa do Marrocos na época da dinastia de Aviz.

A montanha, o Rife, manteve-se sempre isolado, mesmo nos nossos dias mantém essa atitude, aceitando, entretanto, alguma coisa do Islão, mas recusando-se sempre a arabizar-se. Ainda hoje, notamos diferenças, não só físicas, mas de mentalidade também, entre os cabilas e os outros mouros.

Na Argélia e na Tunísia as populações primitivas — os numidas — eram nômades. Foram seus reis, principalmente Massinissa e seus descendentes, quem os sedentarizou, criando importantes centros urbanos como Cirta (Constantine), Cesaréia (Cherchel), etc.

A primeira capital da Berbéria foi Cartago, fundada no começo do IX século a. C. pelos fenícios numa esplêndida posição geográfica, dominando as duas bacias do Mediterrâneo. Além da excelente posição marítima, Cartago foi um grande entreposto comercial, pois as caravanas que atravessavam o Saara lhe traziam mercadorias, como ouro em pó, marfim, peles, penas e ovos de avestruz, feras, etc. Além disso, os púnicos reconheceram a costa atlântica da África, tendo chegado, talvez, ao golfo da Guiné, como o atesta o famoso Périplo de Hanão.

Êsses cartagineses exerceram profunda influência entre as populações nômadas, algumas delas ainda hoje bem visíveis. Essa milenar influência pode ser comparada, e com vantagem, com a que exerce o Islão, como muito bem podemos ver no extraordinário livro de E. F. Gautier sobre os séculos obscuros do Magrebe (2). Foram pois os púnicos os primeiros que procuraram dar uma certa homogeneidade às populações líbicas, no que foram acompanhadas mais tarde pelos romanos.

*

2. — A zona desértica do norte (Saara, deserto da Líbia).

O Saara é uma terra que está morrendo. Outrora existiu aí uma população bem densa e a prova do que estamos afirmando pode ser encontrada no grande número de estações

(2). — E. F. Gautier, *Le passé de l'Afrique du Nord. Les siècles obscurs*. Payot. Paris. 1937. 457 pp., 25 ilustrações fora do texto e 16 no texto. Coleção "Bibliothèque Historique".

pré-históricas, com armas e objetos pertencentes ao Paleolítico, em pleno deserto. Não é só; encontramos ainda uma fauna residual, em plena degenerescência, nos oasis, indicando que os ancestrais desses animais eram idênticos aos existentes hoje em dia na zona equatorial. O Saara foi, pois, uma imensa planície tabular com rios, savanas, onde perambulavam tribos nômades caçadoras dos herbívoros, sua principal fonte de alimentação. Os *uedis* aí estão para provar com suas areias e pedras a potência da rede fluvial outrora existente. Ossos fossilizados duma fauna de clima quente e úmido são encontrados facilmente. E tem mais: nas paredes de pedra em diversos lugares, como no Hoggar (no Alto Mertoutek — Argélia) (3), encontramos ainda hoje gravuras rupestres representando animais que há muitos séculos não mais existem na atual região desértica e que estão muito mais ao sul, como: elefantes, rinocerontes, hipopótamos, etc.

Esse deserto apresenta aspectos bem diferentes: ora é rochoso (**hammad**) ora é arenoso (**erg**). A sua superfície apresenta um aspecto desolador, mas o sub-solo é extraordinariamente rico em recursos minerais, principalmente em petróleo, cujas jazidas começam agora a ser exploradas.

*

3. — O Sudão.

A palavra Sudão parece ser derivada do árabe **Bled es Sudan**, que significa “país dos negros”, nome sem dúvida dado pelos brancos do norte aos negros do sul do deserto do Saara.

E’ uma região bem diferente do Saara, com cerca de 7.000 quilômetros de comprimento por 500 a 600 de largura e vai desde o Cabo Verde até a Somália.

No Sudão as chuvas são regulares e a flora mostra tratar-se positivamente de região de transição entre o deserto e a zona equatorial ao sul. Não existe aí relêvo algum suscetível de interromper as comunicações leste-oeste, entre o Atlântico e o Índico.

*

4. — A zona equatorial (costa da Guiné e bacia do Congo).

Esta zona é por excelência a região da umidade, de chuvas torrenciais e abundantes, de calor úmido, das florestas

(3). — F. de Chasseloup Laubat, *Art rupestre au Hoggar (Haut Mertoutek)*. Paris. Librairie Plon. 63 pp., 4 croquis no texto, 32 pranchas fora do texto, sendo 8 em côres.

densas, impenetráveis. E' o refúgio da barbárie, dos vencidos que para aí se dirigiram e onde estão até hoje os pigmeus que habitavam outrora — como nos dizem os escritores antigos — muito mais ao norte. A própria bacia do Congo é uma clareira no meio dessa imensa região florestal, que possui também imensas jazidas minerais em início de exploração, e o que é mais expressivo, de minerais altamente estratégicos.

*

5. — **A zona montanhosa de leste (Abissínia, região dos grandes lagos).**

E' uma zona onde o relêvo tem grande importância, pois determina uma série de regiões compartimentadas, habitadas por tribos e raças diferentes. Os pontos culminantes estão no Quênia, no Quilimandjaro, no Ruvenzori. Está também nessa zona a Abissínia, onde nascem o Nilo Azul e o Atbara.

Quênia, pelo seu clima ameno, foi escolhida pela Sociedade das Nações para ser o Lar dos Judeus antes da II Guerra Mundial, mas êstes não aceitaram, pois não era a Terra prometida por Jeová. Atualmente êsse problema está superado, pois acreditamos ser impossível agora qualquer nôvo povoamento de europeus na África, pois mesmo os que lá estão sofrem uma grande pressão para abandonar o Continente Negro.

*

6. — **A zona tropical do sul (Angola, Rodésia, Moçambique).**

A África é mais afilada ao sul, nessa região tropical, o que permite às influências oceânicas interferirem no clima, ocasionando abundantes chuvas. Possui também uma possante hidrografia, bastando apenas citar o Zambeze. Mas no centro dessa região, onde as influências marítimas pouca importância tem, existe o deserto de Calaari, que é simétrico ao Saara, mas muito menor. Aí vive uma população (bosquímanos) que se acredita ser uma das mais antigas da humanidade, talvez descendente duma população neolítica que foi impulsionada para o deserto pela grande vaga do povoamento bantú.

No extremo sul do continente temos a União Sul-Africana, um enclave branco numa grande massa negra. Região de povoamento holandês (**boers**) e depois inglês, de grande progresso técnico e industrial, grande riqueza agrícola, mas onde

as relações entre negros e brancos são as piores possíveis, sendo consideradas mesmo explosivas com a degradante e estúpida política do **apartheid**.

* *

7. — O Egito.

Deixamos para o fim o Egito, região bem caracterizada, cuja civilização é mais mediterrânea do que africana. É um país onde a geografia impera absoluta, pois o Egito depende exclusivamente do Nilo para poder viver. Sempre esteve ele dividido em duas partes: o Norte e o Sul, o Delta e o Vale. Essas duas regiões se equivaliam em importância política, em área arroteável e mesmo em população. No Delta a influência mediterrânea é mais acentuada, pois as chuvas aí são abundantes, e a imensa planície, cone de dejeção dum possante rio, é tôda cultivada e o **felá** trabalha incansavelmente para aproveitar a vasa e tirar da terra a sua alimentação. O Vale, ao contrário, é uma longa fita, às vêzes de 10 quilômetros apenas em cada margem, no meio dum imenso deserto de areia completamente inóspito. Aí a dependência do homem ao rio é ainda maior. Sem o rio o homem não poderia habitar essa região...

*

* *

III. — A ÁFRICA ANTES DO ISLÃO.

1. — As origens africanas. O Egito.

A África foi uma das regiões de povoamento mais antigo que se conhece. Podemos mesmo afirmar que foi um dos centros de expansão da humanidade, pois diversas raças pré-históricas de que temos conhecimento sem dúvida procedem desse continente.

Sem falarmos do famoso **Australopithecus**, verificamos que no período pré-histórico o Homem de Grimaldi, encontrado na Ligúria, é evidentemente de origem negróide. Observamos também que o Homem de Cro-Magnon, de raça branca, se não é oriundo da África, lá penetrou e parece ter dado origem ao **guanche**. No período capsense houve a infiltração dessa cultura na Ibéria e quiçá, no sul da Gália. O ibero parece ser oriundo do mesmo tronco que o bérbere, portanto da mesma raiz que o hamita-cuchita que formou a base da população egípcia.

Se a Europa e a Ásia podem apresentar fósseis talvez mais antigos que os da África, não podemos deixar de dizer que foi no vale do Nilo que se formou, sem dúvida, uma das mais antigas civilizações históricas de que temos conhecimento.

Com o contínuo secamento do Saara, imensa savana onde perambulavam grandes manadas de herbívoros, as tribos que caçavam êsses animais, como êles, foram refluindo para as margens do Nilo e para os oasis, deixando para trás, muitas vêzes, suas ferramentas e armas que são encontradas, não em grutas como na Europa, mas sim esparsas pelo chão. Da caça o homem passou ao pastoreio e à domesticação dos animais, também melhorou a técnica da manufatura dos seus instrumentos líticos, inventou a cerâmica: tudo isso devido à concentração e aumento da população ao longo dos rios e pontos d'água. O homem deixou a exclusividade da coleta e da caça, para encontrar novas fontes de alimentação a fim de não morrer de fome. Estamos em pleno Neolítico.

Pouco a pouco foram nascendo pequenas comunidades que posteriormente se transformaram em estados (**nomos**). Êstes, por sua vez, se aglutinaram em dois reinos: um ao Norte (Delta) e outro ao Sul (Vale). Mais tarde êsses dois reinos se reuniram num só, havendo um único estado: **Kemi** (a terra negra = o Egito) e uma única corôa branca e vermelha (**pschent**).

O Egito viveu em esplêndido isolamento durante séculos, conseguindo sempre repelir os asiáticos na região de Suez, os líbios na região da Marmárica e os negros ao sul de Elefantina. Mas em 1680 a. C. mais ou menos os hicsos, aproveitando a desordem reinante no Egito, dominaram o país, principalmente o Delta. Desde êsse momento o Egito se entrosa na política asiática, preocupando-se muito mais com o que acontecia na Síria do que com o que se passava na África. Mais ainda, quando conseguiu expulsar os hicsos, tomou a ofensiva e invadiu Canaã. Não vamos traçar aqui as vicissitudes dessas lutas pela hegemonia na bacia oriental do Mediterrâneo. Para expulsar os invasores e por sua vez tomar a ofensiva, os egípcios fizeram apêlo a mercenários cários e gregos, que antes pirateavam nas costas do Delta. Êsses gregos acabaram por se estabelecer definitivamente no Egito, fundando Naucratis, uma cidade greco-egípcia onde as duas civilizações se encontravam sem se misturar, uma verdadeira Changai da época, com mercadores de tôdas as partes do Mediterrâneo e com mercadorias de tôdas as espécies e procedências.

O Vale do Nilo acabou, nas suas disputas com os impérios mesopotâmicos, por cair nas mãos, primeiro dos assírios e depois dos persas. Na luta de Alexandre com os persas, o Egito sofreu a sorte dos vencidos, acabou como prêsas dos macedônios que por sua vez foram absorvidos pela milenar civilização nilótica. Alexandria, fundação de Alexandre, é o símbolo dessa civilização helenística — onde as duas culturas se irmanaram: a grega e a oriental. Entretanto, essa civilização mista não penetrou profundamente no Egito, ela se fêz sentir principalmente nos grandes centros urbanos e nos locais onde os macedônios mantiveram grandes guarnições de mercenários.

*

2. — Cartago e a civilização púnica.

Os fenícios, na sua expansão pelo Mediterrâneo Ocidental, se apossaram do litoral norte da África, muito além das regiões onde a influência egípcia se fazia sentir. Fundaram êles, mais ou menos em 1100 a. C., na foz do Bagradas (o atual Medjerda) a cidade de Útica. Mais tarde, com o aterramento do pôrto pela vasa do rio, os fenícios foram obrigados a fundar uma nova cidade: Cartago (**Quart hadasht** = a cidade nova), mais ou menos em 814-813 a. C.

Os fenícios, e depois os cartagineses, empreenderam a organização duma vasta rêde de feitorias que drenaram para os centros manufactureiros as matérias primas produzidas não só na região, como as que eram trazidas pelas caravanas que atravessavam o deserto e chegavam ao litoral. Com essa política expansionista, criaram várias colônias ao longo do litoral atlântico do Marrocos, chegando mesmo, possivelmente, ao Gôlfo da Guiné. As Ilhas Canárias foram por êles atingidas, estabelecendo aí, parece, oficinas de tinturarias de panos de púrpura, aproveitadas posteriormente por Juba II (**Purpurariae Insulae**), rei da Mauritânia.

Êsses semitas estabeleceram no norte da África uma civilização de mercadores, interessados mais em seus negócios do que no bem-estar das populações líbias que exploravam, trocando sua pacotilha por matéria prima, sem dúvida muito mais valiosa.

*

3. — Roma e o seu Império.

Cartago entrou em disputa com Roma pela hegemonia na bacia ocidental do Mediterrâneo. Não vamos entrar aqui em de-

talhes acêrca do que foram as Guerras Púnicas, mas precisamos dizer que Roma apossou-se do litoral africano, paulatinamente, desde Suez até Gibraltar e costa atlântica do Marrocos.

A África tem grande importância na história do fim da República, pois aí lutaram César e Pompeu, Otávio e Marco Antônio, como antes deles Mário, Sila, Sertório tinham também aí se envolvido em combates.

Com a vitória de Augusto começou a romanização da África, pelo menos do litoral. Paulatinamente, Roma inicia a organização das províncias, tendo inicialmente experimentado o sistema dos estados satélites, com os mouros no Marrocos e númidas na Mauritânia e no antigo território cartaginês. Com Calígula tôda a faixa norte da África transformou-se definitivamente em províncias romanas.

Roma procurou conhecer alguma coisa dessa misteriosa África, enviando expedições que reconheceram diversos oasis no coração do Saara, assim como levaram a efeito uma expedição que remontou o Nilo e somente foi detida pelas plantas do papiro, quase chegando aos Grandes Lagos e por pouco deixando de cobrir uma das fontes dêsse rio.

A civilização romana impôs aos indígenas a sedentarização — que aliás já se vinha processando desde a época das guerras púnicas — sem que cessasse os ataques constantes dos nômades. Foi mesmo na época imperial romana — precisamente com Sertímio Severo — que houve uma radical mudança no ataque dos nômades. Os romanos, precisamente para defender o *limes*, trouxeram da Síria um corpo de arqueiros cameleiros: foi assim que o camelo se difundiu na África. Os nômades, que até então atacavam os sedentários montados em cavalos e burros, passaram a contar dêsse momento em diante com uma excelente arma: o camelo — um animal que suportava muitíssimo bem a sêde, podendo fazer longas caminhadas pelo deserto. As conseqüências dêsse fato não tardaram a se fazer sentir: um ataque cerrado e contínuo aos camponeses do litoral e a invasão dos oasis habitados pelos negros que foram obrigados a emigrar mais para o sul, rumo à savana e mesmo à floresta densa. Essa expansão bérbere tolheu em parte as caravanas de ouro que chegavam até aos portos do Mediterrâneo, contribuindo poderosamente para a cessação dêsse tráfico.

4. — Vândalos e bizantinos.

Com a barbarização do Império Romano, a África, já cristianizada na parte litorânea, entrou em fase de grande agitação, tanto social como religiosa, bastando citar a heresia donatista e os **circumcelliones**. Essa situação agravou-se ainda mais em 429 com a invasão dos vândalos, bárbaros germanos, cristãos, mas arianos, isto é, heréticos, que empreenderam uma feroz perseguição ao clero e aos fiéis católicos.

Sendo os invasores pouco numerosos, apossaram-se das melhores terras ou usaram o sistema do **hospitium**, que consistia no confisco de parte duma propriedade, sem que o bárbaro viesse ocupar a terra: êle era “hóspede” do confiscado e contentava-se em receber a melhor parte das rendas que a terra pudesse produzir. Os vândalos concentraram-se sobretudo em tórno de Cartago, reedificada por Roma na época dos Gracos. Nessa cidade êles se fortificaram e restabeleceram o antigo poderio naval dos púnicos, dominando o Mediterrâneo Ocidental por algum tempo.

Justiniano, que sempre sonhara com o restabelecimento do antigo Império Romano — dominando inteiramente as duas bacias do Mediterrâneo — empreendeu a reconquista da África do Norte, sob o pretexto de vingar a morte do rei vândalo Hilderico, aliás aparentado com a família imperial do Ocidente pela sua mãe Eudócia, filha de Valentiniano III. Para a invasão Justiniano enviou um pequeno exército sob o comando do general Belisário, que conseguiu derrotar e aprisionar Gelimero, o último rei dos vândalos. Assim os bizantinos conseguiram novamente fazer imperar aí a religião católica e a soberania de Constantinopla. Mas o **limes** bizantino estava situado bem mais ao norte, pois nessa época houve um recuo bem acentuado nas defesas do Império, fato sem dúvida devido ao secamento progressivo do Saara e principalmente à ofensiva dos nômades camelleiros, que faziam uma rude pressão contra os sedentários do litoral.

Os bizantinos, entretanto, não corresponderam às esperanças dos afro-romanos que até então — antes dos vândalos — tinham dependido de Roma e não de Bizâncio, onde imperava uma civilização que tinha por base uma cultura helênica e não latina. Na sua ânsia de carrear numerário para a faustosa côrte de Bizâncio, e para fazer frente à contínua e quase permanente guerra contra os persas — que vinha desde a época da República Romana — os bizantinos praticamente drenaram as riquezas da África para as arcas de Constantinopla.

Isso nos explica, de sobejo, porque houve pouca resistência ao Islão quando êste invadiu a África. Os afro-romanos preferiram os “infiéis” aos “helenos”...

*
* *
*

IV. — O DESPERTAR DA ÁFRICA NEGRA.

1. — A Abíssiânia.

Justiniano, além do seu sonho de assenhorear-se do Ocidente, teve de lutar duramente contra os persas que, além de se oporem à expansão bizantina e à difusão da religião cristã, procuravam controlar — e praticamente sempre o fizeram — o comércio de Bizâncio com o Extremo Oriente. De fato, a rota da sêda vinha da China, passava pelos oasis do Turquestão, em seguida transitava pelo Império Persa, antes de chegar aos portos do Mediterrâneo. Além disso, os persas dominavam os entrepostos de especiarias da ilha Taprobana (Ceilão).

Esse monopólio foi combatido por Roma e essa luta foi continuada por Bizâncio. Isso nos explica as diversas expedições empreendidas pelos romanos (na realidade, sírios e alexandrinos na sua grande maioria) rumo à China para estabelecer um contacto direto com as fontes produtoras. Por sua vez, os orientais procuraram também organizar relações diretas com os ocidentais: o general chinês Pantchao, entre 88 e 105 da nossa éra, chegou ao Turquestão e como os persas o informassem de que Roma ficava muito longe, êle desistiu da caminhada; também no reinado de Marco-Aurélio (161-180) Roma recebeu uma embaixada de mercadores da Índia e do Ceilão. Tudo isso indica que as relações diretas entre os dois impérios estavam prestes a se estabelecerem.

Justiniano, continuando essa política, procurou furar o bloqueio persa. Para isso empreendeu uma obra missionária de conversão ao cristianismo das populações ribeirinhas do Mar Vermelho, apoiando os abexins, agrupados em tórno de Axum, na sua luta contra os árabes do outro lado do mar. Êsses abissínios, que parecem ter sido conquistados pelos egípcios na época do Ptolomeu Evergeta, como já dissemos, são mestiços de bérberes, semitas e talvez israelitas — como os felachas —, com negros do interior do país. Acabaram por se tornar cristãos e isso lhes valeu o apóio bizantino. Quando êles dominaram no Mar Vermelho, frotas bizantinas — ou melhor egípcias — puderam navegar tranqüilamente e comerciar na cos-

ta do Malabar. Mas a reação persa logo se fez sentir: auxiliaram os árabes do Iemem, que se tinham convertido ao judaísmo contra os abexins, ao mesmo tempo que conseguiram recuperar o monopólio das feitorias de Taprobana. Tudo voltou ao que era antes, mas o cristianismo perdurou na Abissínia, isolado na verdade, mas vivaz, conseguindo mesmo enfrentar o Islão na sua marcha avassaladora. Entretanto, perdurou no país o rito copta e ainda há poucos anos os abexins faziam vir de Alexandria o seu patriarca. Essa extraordinária aventura do cristianismo na Abissínia é a responsável pela lenda do Prestes João, que tanto preocupou o Infante D. Henrique-o-Navegador na sua afanosa busca do caminho das Índias que chegou a enviar para descobri-lo Pero da Covilhã.

*

2. — Os impérios sudaneses.

Ao sul do Saara, no limite do deserto e da floresta, vão florescer diversos impérios que diferem muitíssimo do Egito e da Abissínia. Parecem ter sido êles fundados por povos que invadiram em massa a região — pelo menos é o que supomos que tenha acontecido —, encontrando fraca resistência aqui e acolá. Pouco a pouco, entretanto, a tempestade foi se amainando e as diversas tribos acabaram por se entender entre si. Emigrantes de raça semita, oriundos do nordeste da Africa trouxeram consigo a cultura do algodão, do trigo e de outros cereais. Fortalezas de pedra foram construídas, o gado aumentou: vacas, bois, carneiros, cavalos, cabras, etc., tornaram-se numerosos. Artesãos fabricaram grande quantidade de tecidos, instrumentos e armas. Nos pontos d'água a concentração humana foi bem maior e o comércio mais intenso. O mesmo aconteceu com as rotas do sal e do ouro, que mobilizaram um grande contingente humano. Verdadeiros impérios se formaram assim, reunindo gente de raças diversas desde a costa atlântica até o Índico, ao longo dos rios Niger, Senegal e do lago Chade.

Verdadeiros impérios se organizaram com tesouros, tribunais, hierarquia administrativa, exércitos, flotilhas de barcos, etc., com populações agrícolas ou pastoris esparsas pela savana ou concentradas nas cidades ribeirinhas aos rios ou próximas dos pontos d'água. O primeiro desses impérios negros — pois foram os pretos os elementos dominantes — nasceu mais ou menos no IV século da nossa éra, tendo por núcleo a re-

gião situada entre o alto Senegal e o alto Niger, e por centro uma cidade construída de pedras, cujas ruínas ainda hoje existem — Cumbi, ao norte de Segú, mais ou menos na altura de Tombuctú. Os historiadores árabes chamaram êsse império de Ghana — agora renascido e fazendo parte da ONU. Era composto então de regiões bastante povoadas e com um grande e ativo comércio entre os dois rios navegáveis, dispendo para pagar suas importações das famosas minas de ouro do Bambuque. Êsse império nunca teve limites precisos, indo da planície de Tombuctú ao Atlântico, dependendo sempre da força e da resistência dos seus vizinhos. Conseguiu manter um grande número de estados vassallos, tributários ou aliados, que algumas vezes recobravam a sua independência e tornavam-se por seu turno, centro de outros impérios. Citamos entre êles: os bérberes de Lentuna no Tagante, os tecurur no Futa-toro — ao sul do médio Senegal —, o reino Songoi ou reino de Gao — fundado pelos bérberes nas margens do Niger saariano no VII século —, o reino de Mandigue, na margem esquerda do alto Niger.

No Império de Ghana distinguiam-se os reinos vassallos das províncias, que eram governadas por dignatários — intendentes, chefes da infantaria, da cavalaria, dos túmulos reais, etc. — que faziam parte do Conselho imperial. Essa organização serviu de modelo para os outros reinos, que se organizaram aí no Sudão e se assemelha muito ao feudalismo, pois verificamos a distribuição de terras com a obrigação militar, como na *ost* medieval na época merovíngia ou carolíngia.

Um grupo da população negra escapava dêsse centro de atração, que era o Império de Ghana: os mossi na grande curva do Niger. A leste dêsse rio o movimento aglutinante continuava. No século X começaram aparecer pequenos reinos como o dos haussás nas proximidades do Chade, os canem-bornu, os uadai, os darfur. Não eram hordas que se detiveram no seu caminho de migração, mas verdadeiros estados que se fundavam.

Até o século X a expansão de Ghana e seus estados associados parece ter sido um movimento pacífico e lento, apesar das *razzias* e das expedições punitivas. Êsse império possuía uma agricultura e um comércio bastante florescente. A religião predominante era evidentemente o paganismo, mas aqui e acolá eram encontrados traços de outros cultos, sem dúvida transmitidos pelo bérberes e negros com quem estavam em contacto.

Além desse império, para o sul, era o completo desconhecido, pelo menos ignoramos praticamente o que se teria passado nessa região, pois as nossas fontes — geógrafos e cronistas gregos e árabes e as tradições semíticas — nada nos informam. E' que essa região da África estava muito longe do centro de atração da época: o Mediterrâneo. O centro geográfico da África era a zona da floresta tropical, densa, de difícil penetração. Existiam aí tribos mais ou menos esparsas pelas clareiras e beiras de rio. Entretanto, mesmo antes do Islão, sabemos que os árabes por cabotagem tinham descido ao longo das costas do Índico. Nesse litoral, rico em produtos de luxo — seria o misterioso Ofir de Salomão? — os mercadores semitas iam buscar ouro, mirra, incenso, madeiras preciosas, como o sândalo e o ébano, etc. E' sem dúvida dessa época que datam as imponentes ruínas de Zimbabwé na Machonalândia, em Tati, em Impacué — fortalezas e palácios de pedras talhadas e imponentes, nas proximidades de minas de ouro exploradas de longa data. Sem dúvida foram essas ruínas que inspiraram o famoso romance de Rider Haggard, *As minas de Salomão*, magistralmente traduzido por Eça de Queiroz (4).

As relações entre esse litoral do Índico e as regiões da Arábia e Mar Vermelho pouco a pouco deram origem a feitorias, de onde se originaram estados políticos conhecidos como os sultanatos. Parece que alguns desses sultanatos foram contemporâneos de Ghana e mantiveram relações com o famoso reino de Monomotapa, situado entre a baía de Lourenço Marques e a baía de Sofala e a vasta confederação dos betchuanas, que ocupava mais ou menos, **grosso modo**, o mesmo território da atual União Sul-Africana e que reunia diversas raças de negros.

*

* *

V. — O ISLÃO NA AFRICA.

O Islão penetrou na África por dois lugares: ao norte — via terrestre — e a leste pela costa oriental — via marítima.

1. — A invasão marítima: a formação dos sultanatos muçulmanos.

Na costa oriental os árabes retomaram a antiga atividade dos seus ancestrais, pois como já dissemos, as tribos maríti-

(4). — Rider Haggard, *As minas de Salomão*. Tradução de Eça de Queiroz. Livraria Lello Limitada. Porto. 1933. 299 pp.

mas do Mar Vermelho e gôlfo pérsico, indús e persas tinham mercadejado e pirateado ao longo dêsse litoral durante séculos. Agora, além dessas atividades, traziam uma nova fé que procuravam propagar. Não encontraram resistência séria aos seus desígnios e assim dominaram fãcilmente os seus contendores, conseguindo estabelecer sultanatos tipicamente marítimos, mantendo sempre estreitas relações com as metrôpoles, como a árabe Mascate e as persas Chiraz e Buchir. Como os anteriores, êsses sultanatos nada mais eram que verdadeiros entrepostos comerciais, feitorias como serão chamados pelos portuguezes de quem foram acérrimos rivais no século XVI.

Uma das mercadorias mais procuradas era precisamente a dos escravos. Por isso os régulos do interior iniciaram uma guerra sem fim e sem tréguas contra os seus vizinhos, visando precisamente essa preciosa e tão procurada mercadoria. Entretanto, êsses sultanatos, baseados no comércio e na escravatura, não eram muito estáveis pela própria natureza das suas atividades e pela cobiça desenfreada, que geravam por sua vez reações violentas ou longas lutas intestinas pela hegemonia do tráfico. Os principais sultanatos foram: Harrar, Sofala, Angatoche, Moçambique, Zanzibar, Pemba, Mambaça, Melinda, Quisimau, Magadoxo, Quiloa, etc.

Os sultanatos não formavam uma federação e nem sequer uma confederação de estados; geralmente havia um que se impunha aos demais, exercendo assim uma espécie de hegemonia. No século XI foi Quiloa, mais tarde tocou a vez a Zanzibar ou mesmo Sofala. A religião não tinha muita importância para êsses mercadores; para êles importava muito mais o seu comércio, principalmente o de escravos, tanto que a região era designada por isso pelo nome de Zanzibar (**Zendj-bar, Zanguebar**: a região dos escravos).

Na região dos trópicos, entretanto, os árabes encontraram feroz resistência negra. Fortes tribos bantús barraram o seu avanço quando da sua migração do norte para o sul fugindo da mosca *tse-tse*, abandonando as florestas pelas savanas e estepes.

Ao norte os muçulmanos chocaram-se com os aguerridos abexins, que se entrincheiraram nas montanhas e repeliram os invasores com sucesso. Mas os judeus, numerosos na região conseguiram em 925 colocar uma mulher, Sague, como rainha, que tomou o nome de Ester e cujos descendentes reinaram até 1255, quando a antiga dinastia cristã conseguiu retomar o trono. Judeus e muçulmanos se uniram contra os cristãos, prin-

principalmente os príncipes de Axum que incarnavam a resistência aos infiéis.

Ao oeste começaram aparecer pequenos estados, que se escalonavam ao longo da linha dos grandes lagos e que se desenvolveram precisamente ao sabor dessas guerras provocadas pela política mercantilista e escravagista dos sultões e também do ouro pôsto em circulação por essa traficância. Assim, temos estados embrionários como Uganda, Ruanda, Urundi, Unianuezi, Urua, Barotse, Luanda, etc., que se fortaleceram paulatinamente e tomaram consistência.

*

2. — A invasão terrestre: o Islão na África do Norte.

Através das planícies que se estendem do Egito ao Atlântico, os árabes, em rápida cavalgada, conquistaram o norte da África. Foi uma conquista rápida, brilhante mas brutal. Como em outras ocasiões o fanatismo religioso acobertava uma grande sêde de vingança, saque e sadismo, tão bem explorados por alguns condutores de homens. Os bizantinos pouca resistência puderam opor e, como já explicamos, pouco entusiasmo tinham os afro-romanos pelas “helenos” de Constantinopla. Não devemos nos esquecer também dêsse fator nacionalista e do rancor despertado por um fisco impiedoso e feroz.

Os invasores não eram numerosos, mas o terror que inspiravam e o mêdo contagiante trabalharam rapidamente por êles. Para não se perderem na massa afro-romana, entrincheiraram-se em dois acampamentos: o do Cairo no Egito e o de Cairoão na África do Norte. Em 646 caiu o Egito, e fazendo dêste país uma base de operação, atacaram os árabes a Tripolitânia em 667. A Berbéria resistiu mais, entretanto em 705 já êles tinham conquistado o litoral magrebino. A resistência não partiu dos afro-romanos, mas sim dos bérberes, na sua maioria nômade, que não se conformavam em ver outros se aposarem daquilo que consideravam a sua prêsa. Houve por isso um levante bérbere sob o comando dum chefe de tribo, Coçeila, e depois duma mulher, Caena, possivelmente de origem judia, que muito trabalho deram aos invasores. Com reforços vindos do Oriente conseguiram vencer os rebelados e, para evitar uma reincidência, canalizaram o ardor nômade e guerreiro do mouro em direção à Ibéria e à Gália. Com a derrota de Poitiers houve o recúo da expansão muçulmana na Europa. Essa derrota é atribuída por E. F. Gautier, no livro que já citamos,

como consequência da rebelião dos mouros e a ocupação do desfiladeira de Taza pelos amotinados.

Os mouros se rebelaram e se opuzeram aos árabes e a famosa heresia conhecida como o **carêgismo** não é nada mais do que uma oposição étnica entre dois grupos de muçulmanos: um árabe e outro bérbere. As tribos, desembaraçadas dos seus apressores, entredevoraram-se em plena anarquia, mas alguma coisa ficou da invasão: o Islão. Pouco a pouco muitas dessas tribos nômades foram se sedentarizando e reinos bérberes se foram formando em tórno de Tlencem, Sidjulfassa na região rifeña; depois, agrupamentos maiores apareceram com os idrísidas, que tiveram por fundador um descendente de Ali, o genro do Profeta e erigiram como capital Fez; o império dos arlebidas na Ifríquia com o centro em Cairoão. Finalmente, no X século, missionários duma heresia muçulmana, o **chiismo**, vieram ao Magrebe anunciando a vinda do Mahdi e fundaram o império fatímida que absorveu tôda a Berbéria, invadiu a Sicília e se apossou do Egito, Palestina e Síria. Essa expansão enfraqueceu a dinastia e no Marocos começaram aparecer tentativas de secessão e os idrissidas, com o apóio dos califas omíadas de Cordova, se agitaram. Nos meados do século XI o governador de Cairoão, El Moezz Ibne Badis, sob pretexto religioso, renegou o califa fatímida do Cairo e ordenou que nas mesquitas se rezasse em nome do califa abássida de Bagodá. O califa fatímida, para reprimir o gesto revoltoso, fêz vir do alto Egito tribos árabes que aí se tinham multiplicado em grande número — os hilalianos — e as lançou sôbre o Magrebe. Ibne Cالدune compara êsses bárbaros a nuvens de gafanhotos, pois destruíram tudo que encontraram no seu caminho, saquearam, incendiaram e o que é pior, cortaram as árvores e “trouxeram o deserto” consigo. Quando a onda hilaliana chegou ao Marrocos, ela já estava bastante amortecida e a zona montanhosa conseguiu escapar à sua sanha.

*

3. — A islamização do Sudão: os almorávidas.

Por intermédio dos nômades camelleiros, que aderiram à nova religião, o Islão desde o século X espraçou-se do Marrocos para as regiões mauritânicas e em seguida chegou ao Senegal. Os bérberes levaram consigo a nova fé na sua expansão rumo ao sul e na destruição que fizeram dos impérios negros do Sudão.

Em 1033 Iaiia ben Ibrahim fêz a peregrinação ritual a Meca e verificou que, apesar de sua robusta fé, ignorava muita coisa do islamismo. Trouxe consigo, na sua volta, um sábio de origem bérbere, Abdala-ben-Iacine, e com êle inicia uma ardente campanha de proselitismo. Desencorajados pela resistência encontrada retiraram-se para uma ilha do Senegal com alguns fiéis e fizeram voto de viver numa ermida (**ribat**) que edificaram, até a morte. Êsse ato teve uma enorme repercussão e o que a pregação não conseguira, êste gesto obteve. Imediatamente formou-se uma vasta confederação de fiéis, nascendo daí uma verdadeira seita: os eremitas ou os homens do **ribat** (**al morabethin** = os almorávidas), misto de missionários e guerreiros sòlidamente enquadrados e muito bem comandados. Êsses fanáticos empreenderam uma guerra santa contra os infiéis e os que julgavam que não cumpriam os ensinamentos de Mafoma como êle os pregara. Alguns dêsses guerreiros se lançaram sôbre o Marrocos, fundando aí um possante império que no fim do século XII chegou até Argel e acabou por invadir a Espanha a chamado dos reis de **taifas**. Essa expansão acarretou aos príncipes almorávidas o alto e sonoro título de “Comendador dos Crentes”. Os outros, ficando na zona sudanesa, atacaram todos os agrupamentos de tribos existentes na zona do Senegal e do Niger que ainda não tinham adotado o islamismo, principalmente o império de Ghana.

A expansão do Islão no Sudão deu-se muito rapidamente, principalmente na classe dominante, príncipes e famílias nobres, parecendo mesmo mais um movimento político do que religioso. Algumas populações sudanesas entretanto, como os songais, os saracoles e sobretudo os diulas — raça de comerciantes — espalharam por tôda a parte a nova fé. O império de Ghana é vencido, assim como os reis de Mandinge, senhores do alto Senegal e alto Niger, como os estados ribeirinhos do médio Niger, Macine, Sahel, império de Gao, e mesmo nas margens do Chade os canem-bornus e por intermédio dos diulas a idéia caminha até o gôlfo da Guiné no limiar da floresta tropical. Houve resistência, talvez mais por nacionalismo do que pròpriamente por oposição sistemática, como no caso dos sereres e peuls que abandonaram as regiões mauritânicas e migraram para as regiões senegalesas do Futa-toro ou do Sine-Salum. Os mossis, na curva do Niger, também resistiram, assim como além do Chade os bargumis, os uadais, os darfur, os cordofãs, os haussás.

*

* *

CONCLUSÃO.

Com a expansão do Islão, a nosso ver, termina a parte introdutória da História da África neste curso, porque a partir daí o continente negro, na sua parte meridional entra em moldura à espera da expansão colonialista européia do século XIX e à parte setentrional segue os destinos dos povos mediterrâneos: invasão dos normandos, renascimento do comércio e da navegação dos cristãos no Mediterrâneo, as cruzadas, até chegarmos à expansão dos povos ibéricos, principalmente dos portugueses que se apoderaram de Ceuta e em seguida do litoral marroquino durante a dinastia de Aviz, fundando por toda parte feitorias desde o Atlântico até o Índico, verdadeiras escalas ao longo da rota das Índias. De fato, com os portugueses e sua expansão marítima uma nova era se abre na História da África e a outros conferencistas cabe tratar do assunto.

E. SIMÕES DE PAULA

Professor da Cadeira de História Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.